

98.º ANIVERSÁRIO DO DIA DO ARMISTÍCIO DA GRANDE GUERRA, 42º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR, 95.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA LIGA DOS COMBATENTES E EVOCAÇÃO DO CENTENÁRIO DA GRANDE GUERRA – 11.11.2016
TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmo. Senhor Presidente da República Prof Dr. Marcelo Rebelo de Sousa

Excelência

Dá-nos Va Exa a subida honra de presidir a esta cerimónia.

Desde a tomada de posse de V^a Ex^a que a Liga dos Combatentes vem tendo o privilégio de o ter várias vezes connosco, recebendo de V^a Ex^a a importante e atenciosa presença e a incentivadora palavra. Respeito, preocupação, admiração e apoio à causa dos combatentes, é o que temos recebido e entendido dessa presença e de suas sempre estimulantes palavras e orientações.

O agradecimento que V^a Ex^a anunciou irá atribuir hoje à Liga dos Combatentes, testemunha o desenvolvimento de ações que serão reconhecidas pelos combatentes e famílias do presente e do futuro, como um tempo novo, no apoio aos antigos combatentes.

- Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional, Dr. Azeredo Lopes
- Exmo. Senhor General CEMGFA, General Pina Monteiro
- Exmo. Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional Dr. Marco Perestrello
- Exmos Senhores Chefe do Estado- Maior da Armada, Alm Luís Fragoso
- Chefe do Estado Maior da Força Aérea Gen Teixeira Rolo
- Chefe do Estado Maior do Exército Gen Rovisco Duarte
- Gen Comandante da Guarda Nacional Republicana Gen Sá Couto
- Senhor Diretor Nacional da PSP Superintendente Luís Farinha
- Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Belém Dr. Fernando Rosa
- Exmos Senhores Chefes da Casa Militar e Casa Civil de Sua Exa o Presidente da Republica
- Exmos Senhores Almirantes, Generais e Directores Gerais, Dirigentes do MDN
- Ex^a Reverendíssima o Bispo das Forças Armadas e de Segurança
- D. Manuel Linda
- Exmos Senhores Embaixadores da Áustria, Bélgica, Ucrânia e Cabo Verde
- Exmos Senhores Adidos de Defesa da Alemanha, Brasil, Reino Unido, França, Rússia e Angola
- Exmos Senhores Presidentes das Câmaras presentes, e Directores da SHIP, Cruz Vermelha e CPHM
- Exmos Presidentes das Associações Nacionais e Estrangeiras, nomeadamente Souvenir Français, Royal British Legion e NATO Joint Analysis Lesson Learned Centre e Srike for NATO
- Exmo. Senhor Presidente e Membros do Conselho Supremo e Corpos sociais da Liga dos Combatentes
- Minhas Senhoras e meus Senhores

Caros Combatentes

A presença de todos, que muito agradecemos, dá-nos mais uma vez a garantia de que não estamos sós no cumprimento desta nobre missão.

Exmo. Senhor Presidente da República, Excelência

O ano de 2016 é um ano de memória coletiva ativada por acontecimentos bélicos ocorridos durante os últimos cem anos.

Evocamos hoje a Paz. A 98 anos do Armistício da GG, a 42 anos do fim da Guerra do Ultramar e a 95 anos da fundação da Liga dos Combatentes da GG.

Permitam-me pois reafirmar que não só Portugal é obra de soldados. A história é também obra de soldados.

A GG, encerrada com o Armistício, a Guerra do Ultramar encerrada com o 25 de Abril e as Operações de Paz e Humanitárias, em curso, são os marcos que os historiadores encontrarão para caracterizar este período da história de Portugal.

Acompanhando estes três momentos históricos, desenvolveu-se uma instituição particular de solidariedade social nascida com a GG e que até hoje se tem mantido vigilante e atuante face aos problemas sociais e de saúde dos combatentes e famílias, batendo-se igualmente pela Paz e Segurança em Portugal e no mundo.

Em 1916, após confrontos bélicos desde 1914 em África, o Portugal político deu o passo decisivo para que as Forças Armadas entrassem na Grande Guerra e com essa decisão, deu origem à razão da nossa própria existência como Instituição solidária promotora de valores e da história.

Finalizada a guerra em 1918, a *"grande causa do sacrifício nacional"* que a Junta Patriótica do Norte serviu e a LCGG manteve e sustentou, alimentaram por um lado o imaginário da guerra e por outro lado denunciaram situações e garantiram apoio àqueles que nela se sacrificaram e para os quais se tornou evidente o esquecimento e abandono.

Quanto ao imaginário da guerra, então defendido e incentivado nomeadamente por homens destacados das letras da época, cito Guerra Junqueiro:

"Vós ides combater pela humanidade e pela Pátria, por nós e pelo Mundo. Joana d' Arc e Nun'Alvares abraçam-se e fraternizam..."

Quem morre pela justiça e pela Pátria inunda-se de luz, ergue-se a Deus...

Chorais a despedida como crianças mas partis cantando como heróis.

O dever dos que ficam é cuidar dos que partem, tomando-os para modelo e como exemplo.

O heroísmo dos que dão a vida por nós todos, reclama a unidade heroica da nação inteira."

Fim de citação.

Enganaram-se porém os que perante este incentivo acreditaram que este fenómeno arrastava consigo um acordo generalizado e que uma vez regressados do inferno da guerra, encontrariam no seu Portugal o céu do reconhecimento e do apoio dos que lhes atribuíram essa tão heroica missão.

Enganaram -se. No final da guerra abririam uma nova frente. A frente da guerra, que não mereciam, uma verdadeira guerra em tempo de Paz. Logo o regresso e o acolhimento seriam chocantes. Manuel de Oliveira em *"Notas de um soldado em campanha"*.

Descreve: - São nove horas da manhã. O barco atraca...ninguém no cais.... Lembro-me que quando cheguei a Brest- no estrangeiro- havia povo e música a saudar-nos. Agora que regressamos vencedores não há uma pessoa no cais...

Na Avenida reparei que para meter figura teria que me uniformizar a paisana, e agora tu meu bravo serrano que espreitaste o boche em Neuve-Chapelle, que o batestes em Lavantie ou Lacouture despe a farda se desejas o sorriso das raparigas da tua terra e lança-te à charrua ou ao martelo com aquela intrepidez com que galgavas o parapeito" ... da trincheira.

Começava a guerra da Paz.

"Em Portugal, a incúria e o abandono a que foram votados os combatentes, ultrapassou os limites da paciência e da razão".

Um grupo de combatentes decide então, em 1921, fundar o que designou por Liga dos Combatentes da Grande Guerra que se coloca ao lado da Junta Patriótica do Norte e da Cruzada das Mulheres Portuguesas, não sem que o seu aparecimento não suscitasse à classe dirigente interrogações sobre que força era esta que surgia?

Cedo se compreendeu que *"não pretendiam os homens da guerra intrometer-se na barafunda das lutas partidárias"*.

Mas toda a mentalidade de antes da guerra tinha sido naqueles homens profundamente modificada, dando lugar a um novo modo de ser, a um "espírito novo" que mais tarde se chamaria " espírito de combatente". Espírito que ainda hoje perdura.

"A solidariedade foi o sentimento que nos seus corações viveu mais intensamente". Só analisando a história se compreende que os combatentes tendo feito a guerra, dela não saíram ao regressar a Portugal. Momentos difíceis do país, momentos difíceis das suas gentes, momentos muito difíceis dos combatentes e famílias. Logo em 1934, com um novo regime, o seu Presidente Hernâni Cidade assistiria a mudança forçada dos seus estatutos os quais só foram novamente modificados após o 25 de Abril, em Dezembro de 1975, restituindo- lhe o carácter democrático que sempre haviam tido e que hoje perdura. Hoje que evocamos a nossa fundação e nossos fundadores, com uma exposição alusiva, saliento que são três os combatentes considerados os nossos fundadores, tendo à cabeça um soldado, ferido em combate, promovido após as campanhas da Flandres a

sargento miliciano, João Jayme Faria Afonso que seria por quarenta anos, 1º Secretário e Secretário-geral da Liga.

Perfazem-se este ano e neste mês de Novembro, 50 anos da sua morte. Permitam-me homenagear a sua memória, a sua ação para a criação de uma instituição que queremos perene, sendo essa a maior homenagem que lhe podemos fazer. Fez algo de grande que perdurou no tempo, para combatentes e famílias que nunca conheceu. A Isso, trabalhar engrandecendo o futuro dos que hão de vir, chama-se fazer a grande política. Do seu testamento destaco o facto de desejar ser enterrado no talhão da Liga dos Combatentes, no Alto de S. João, em pé, à entrada da cripta, sem anúncio da sua morte. O que foi cumprido.

Neste dia do armistício em que recordamos todos, demos especial relevo a João Jayme Faria Afonso, combatente por Portugal, em França e nosso fundador.

Permitam-me que recorde também seu filho, capitão de cavalaria Faria Afonso, Cruz de guerra a título póstumo, cujo nome se encontra numa das lápides deste monumento, caído em combate na guerra do ultramar, na operação Nó Górdio, em Moçambique. Uma palavra de saudação amiga a sua filha D. Maria José e seu filho aqui presentes.

Exmo. Senhor Presidente da República

A nossa história é uma história de vencedores. Vencedores da História e vencedores de crises sobre crises, procurando "o cumprimento das obrigações sagradas que as nações contraíram para com os inválidos de guerra, para com as viúvas, para com os órfãos e procurar que a todos combatentes fosse prestado auxílio" numa obra social ímpar. Passámos momentos difíceis. O mais dramático em 1927 de que relatório da LCGG é testemunho ao descrever a situação financeira da Liga que só foi resolvida com a criação, pelo então Ministro da Guerra, do selo das ressalvas militares, ou taxa a favor da Liga, também conhecida por estampilha. Medida que resolveu a situação e durou até aos nossos dias, tendo terminado com a abolição do papel selado e outras taxas. A abolição da taxa a favor da Liga, porém, viria a ser considerada inconstitucional, pelo Tribunal Constitucional, em 2002, mas não foi até hoje reposta a legalidade da situação.

Decorreriam precisamente 40 anos após a fundação da Liga até eclodir um novo conflito, que conduziria ao emprego massivo e prolongado das nossas Forças Armadas, além mar. Passaram 42 anos sobre o fim dessa Guerra em África. Hoje Angola celebra a sua independência.

A guerra de África viria a criar um novo e significativo núcleo de combatentes. A Liga dos Combatentes continuou o cumprimento da sua missão patriótica e de apoio social e à saúde desses combatentes e famílias. O conhecimento que temos da nossa história recente e do presente, leva-nos a afirmar que não obstante os problemas que somos chamados a resolver e apoiar todos os dias e das crises com que o país tem sido confrontado, a situação da generalidade dos combatentes e famílias não tem paralelo com a dramática e miserável situação generalizada do após GG.

Temos problemas graves, de pobreza e de doença, mas felizmente o país é outro e para melhor, na generalidade das circunstâncias. Mas, por outro lado, importa também sublinhar que a dimensão quantitativa do fator tempo e do número dos que foram chamados a pegar em armas, numa e noutra situação, é enorme. Cerca de uma centena de milhares de combatentes na GG, durante quatro anos, para cerca de um milhão na guerra do ultramar, durante catorze anos, acarreta consigo responsabilidades e problemas acrescidos ao Estado e à própria Liga dos Combatentes.

Não acompanhamos, porém, aqueles que apresentam periódica e sistematicamente reivindicações utópicas e irrealizáveis, mas estamos com aqueles que defendem o apoio real à deficiência social, à deficiência física e doença mental de combatentes e famílias, e com os que estimulam o reconhecimento dos feitos e sacrifícios de todos os que participaram na guerra, quer o façam por palavras, quer o façam por atos de apoio e solidariedade. É importante reconhecermos que os combatentes do ultramar tomaram parte numa Batalha Decisiva da nossa História. Se Aljubarrota e a Restauração foram batalhas decisivas que nos garantiram a independência, a guerra do ultramar finalizada com o 25 de Abril, foi igualmente uma batalha decisiva, uma guerra prolongada não perdida, que mudou para sempre a nossa forma de viver e de estar no mundo. Nós, combatentes do ultramar, participámos nessa batalha decisiva. Quis o tempo histórico e a conjuntura estratégica que os combatentes de Portugal fossem novamente solicitados para, noutros ultramares, mais uma vez a milhares de quilómetros da base de retaguarda, continuassem a defender os valores e interesses superiores do país, integrados em forças aliadas ou ao serviço das nações unidas.

A Liga dos Combatentes numa confirmação dos seus ideais patrióticos e humanitários, vem passando o testemunho a esses combatentes, tal como o recebemos dos que tomaram parte da GG. A essas Forças Nacionais Destacadas, que honram Portugal, nas novas missões de apoio à manutenção ou implementação da Paz e Humanitárias prestamos a nossa homenagem, jamais esquecendo aqueles cujos nomes se encontram nas lápides deste nosso monumento e morreram ao serviço das forças armadas ou forças de segurança de Portugal. Num ano em que se evoca o centenário da entrada de Portugal na Grande Guerra e se percorre o tempo histórico e estratégico de então até hoje, testemunham-se os serviços prestados pelos combatentes em "perigos e guerras esforçados" de vivências terrenas que muitas vezes os aproximaram da morte e da necessidade de aceder a um apoio transcendente.

Talvez por isso D. Nuno Alvares Pereira, ajoelhou em Aljubarrota. Fátima surgiu há precisamente cem anos, com a participação de Portugal na GG. O Cristo das Trincheiras e o Cristo de Verdum são hoje símbolos venerados pelos combatentes. Como já afirmei noutras ocasiões, quantos combatentes do ultramar, evocaram o Cristo do Capim?

Finalizo pois com esta homenagem à Paz, aos que se bateram em conflitos por Portugal e aos 95 anos da Liga dos Combatentes, evocando, para além do sentido patriótico que toca os combatentes e o sentido do transcendente que lhes surge, sempre que o risco e o perigo estão presentes, no campo de batalha, o lado heroico que os caracteriza quer na vida quer na morte.